

11. Promessa aos Perseguidos (3º. Trim. 2012—I e II Tessalonicenses)

Material bíblico: II Tess. 1:1–12, João 1:18, Rom. 2:5, 12:19, Ap. 16:4–7, 20:1–6, João 14:1–3.

Citações

- Na política, como na religião, é igualmente absurdo querer ganhar conversos com fogo e espada. As heresias, tanto em uma como na outra, raramente se curam com a perseguição. *Alexander Hamilton*
- As Escrituras me deixam claro que existe a obrigação de levantar a voz em favor daqueles que são perseguidos. *Frank R. Wolf*
- A virtude é mais perseguida pelos ímpios do que amada pelos bons. *Buda*
- Não nos esqueçamos: somos uma igreja peregrina, sujeita a desentendimentos e perseguição. Ainda assim, somos uma igreja que caminha serena, porque traz consigo a força do amor. *Oscar A. Romero*
- Se o Tibre transborda ou o Nilo seca, o remédio é sempre jogar os cristãos para os leões. *Tertuliano*
- Se você vive de modo tal a ser aprovado no teste do juízo final, você pode estar certo de que o mundo não vai falar bem de você. *Alistair Begg*
- Tenha bom ânimo, Mr. Ridley, e seja homem! Um dia desses vamos acender, na Inglaterra, uma luz tal, pela graça de Deus, que ninguém jamais vai conseguir apagá-la. *Hugh Latempor*

Perguntas

Qual deveria ser nossa atitude para com a perseguição? De que formas ela revela as questões do grande conflito? Como podemos ajudar, de forma mais adequada, aqueles que hoje estão sofrendo perseguição? O que Jesus nos adverte acerca de nossa experiência neste mundo? Como Paulo tenta animar os tessalonicenses? Como deveríamos compreender o assunto da “ira”? Qual é, de fato, a mensagem para nós aqui?

Resumo bíblico

Em II Tess. 1:1–12, Paulo está escrevendo aos crentes pela segunda vez. Agora a situação sofreu uma virada para pior: eles estão sendo perseguidos. Seu tema está resumido no verso 4: “;É por isso que nas igrejas de Deus falamos com orgulho sobre vocês. Nós temos orgulho de vocês por causa da paciência e da fé que vocês mostram no meio de todas as perseguições e sofrimentos.” (II Tess. 1:4 NTLH). É por isso que Paulo usa uma linguagem tão forte nos versos 7 e 8. Pois, quando se está sofrendo, a gente precisa receber garantias de que nossa causa é justa! João 1:18 nos lembra por que Jesus veio: para nos mostrar o Pai. É o coração não arrependido que aumenta “;ainda mais o castigo que vai sofrer no dia em que forem revelados a ira e os julgamentos justos de Deus” (Rom. 2:5 NTLH). Não obstante, não buscamos vingança, mas deixamos para Deus a resolução de todas as coisas (Rom. 12:19).

Como devemos, então, entender as sete pragas descritas em Ap. 16? O que elas nos informam sobre o fim dos tempos e o que elas nos dizem sobre o caráter de Deus? O juízo que é prometido em Ap. 20 mostra que há uma resolução final para tudo isso e revela que Deus sempre agiu com verdade e justiça. A promessa de Jesus em João 14:1-3 é que Ele vai voltar para levar Seus amigos consigo para casa. Aqui jaz a mensagem vital da promessa para todos os que estão sofrendo: ainda não é o fim! Deus anela por nossa companhia no lar eterno.

Comentário

O único crime de um crescente número de cristãos no mundo todo é apenas o de serem cristãos. Mais do que os rótulos étnicos, políticos ou nacionais, o crime de ser cristãos faz de nós alvos fáceis. No mundo de hoje, o cristianismo é a religião mais perseguida, e seus crentes experimentam mais sofrimento, abuso, violência, encarceramento e morte do que jamais experimentaram no passado. De fato, mais cristãos morreram por sua fé no século passado do que em todos os outros séculos juntos, uma estatística horrorosa e imensamente trágica para uma sociedade global que gosta de se apresentar como avançada e tolerante...;

A liberdade de crença (incluindo a partilha da fé com outras pessoas) é uma das liberdades básicas que compõem os direitos humanos. Essa liberdade é expressiva da dignidade humana. Uma negação dessa liberdade religiosa corta o coração de nossa condição humana, e tanto quem persegue quanto quem é perseguido é diminuído por essa intolerância.

São muitas as razões para essa perseguição dos cristãos, mas todas elas têm que ver com a negação do direito de escolher a crença. Quer ocorram pelo desejo de permanecer no poder, quer pelo desejo de impor um regime religioso, quer por uma forma cínica de inventar bodes expiatórios, os ataques aos cristãos dizem muita coisa sobre os perseguidores.

Os ditadores sabem, há muito tempo, que o cristianismo é subversivo de seu poder absoluto. Os cristãos valorizam a liberdade, a dignidade humana, o direito de escolha, a responsabilidade individual e prestam obediência a uma autoridade maior. Os imperadores romanos sabiam que isso desafiava seu domínio absoluto e, com lógica cruel, atacavam a comunidade cristã. Além disso, espalhavam falsa propaganda de que os cristãos praticavam sacrifícios humanos durante a celebração da santa ceia. A perseguição sofrida de Nero mostra que os cristãos eram os bodes expiatórios preferidos.

Estima-se que mais de cem milhões de cristãos morreram por sua fé no século passado. Mais de um bilhão de pessoas vive sob regimes que negam as liberdades fundamentais, especialmente a liberdade religiosa. Uma estimativa anual do número de pessoas mortas por sua fé é de 170.000, mas trata-se certamente de uma estimativa otimista. Por quê? Porque a maioria das execuções motivadas por perseguição religiosa ocorre em segredo e, por isso, essas estatísticas não são confiáveis. Porém, uma coisa é certa: este mundo está degradando para uma violência ainda mais devastadora e para a repressão de qualquer tipo de crença que seja diferente daquelas abraçadas pela maioria.

De uma perspectiva histórica, não deveríamos ficar surpresos. A perseguição já aconteceu tantas vezes, que o fato de ela continuar hoje não nos surpreende. Se voltarmos nosso olhar no tempo, vamos descobrir muita coisa sobre a perseguição. Quer praticada por indivíduos, por grupos ou mesmo pelo Estado, a atitude é a mesma: temos a verdade, que nos dá permissão para perseguir e matar os “hereges.” Quer promovida pelo imperador Nero, pela fé dominante ou por um zelote como Saulo (antes de este se tornar Paulo), a perseguição tem como ideologia uma compreensão perversa do que “a verdade” exige. Inventam-se desculpas de que é para o bem maior, de que os perseguidos de certa forma “merecem” a perseguição. No entanto, o resultado é sempre o mesmo: o uso do mal numa tentativa de impor “o bem.”;

Particularmente ruins são as situações em que a religião é alistada a serviço da perseguição. Por crerem que estão absolutamente certas, as pessoas que detêm o poder perseguem outras pessoas em nome de sua religião, disfarçando sua maldade com ideias de “uma cruzada moral” empreendida “pela melhoria da sociedade” ou até “para o bem dos hereges.”;

Assim, por exemplo, há muitos casos da época da Reforma em que um sacerdote exorciza um “herege” com um crucifixo enquanto este queima na fogueira, tentando, mesmo em uma hora dessas, fazer com que o “herege se retrate” e, assim, embora o corpo se perca, a alma seja salva do purgatório e do inferno. Nessa teologia pervertida, não importa, de fato, que você morra queimado nesta vida, desde que você seja salvo da fogueira eterna na próxima vida...;

Toda essa perseguição maligna é feita em nome de Deus, como uma “obrigação religiosa,” tentando “salvar” os que creem de forma diferente de quem os persegue. Como Stephen Weinberg escreveu: “;Com ou sem religião, as pessoas boas podem se comportar bem e as pessoas más comportar-se mal; mas, para que as pessoas boas pratiquem o mal, é preciso de religião.” Triste, mas verdadeiro.

E como fica a imagem de Deus nisso tudo? Que tipo de Deus apoia a perseguição, o ódio entre os seres humanos? Será que Jesus alguma vez perseguiu alguém? De onde vem o espírito de perseguição? Claramente ele pertence ao próprio diabo, que tenta projetar em Deus o seu próprio caráter maligno, enquanto tenta vencer a batalha pela mente que trava um grande conflito. Veja como a perseguição se encaixa bem nessa perspectiva!

Comentários de Ellen White

Os homens e mulheres que através dos longos séculos de perseguição e prova desfrutaram, em larga escala, a presença do Espírito em sua vida, permaneceram como sinais e maravilhas no mundo. Revelaram, diante dos anjos e dos homens, o transformador poder do amor que redime. {Atos dos apóstolos, p. 49}

Em que consistia a força daqueles que no passado sofreram perseguição por amor a Cristo? Era a união com Deus, união com o Espírito Santo, união com Cristo. A acusação e a perseguição têm separado muitos de seus amigos terrestres, mas nunca do amor de Cristo. Nunca a alma, provada pela tempestade, é mais encarecidamente amada por seu Salvador do que quando sofre a perseguição por amor à verdade. “Eu o amarei”, disse Cristo, “e Me manifestarei a ele.” João 14:21. Quando, por causa da verdade, o crente se acha perante os tribunais terrestres, Cristo Se acha a seu lado. Quando é encerrado entre as paredes da prisão, Cristo Se lhe manifesta e com Seu amor lhe anima o coração. Quando sofre a morte por amor a Cristo, o Salvador lhe diz: Eles podem matar o corpo, mas não podem matar a alma. “Tende bom ânimo, Eu venci o mundo.” João 16:33. {Atos dos apóstolos, p. 85-86}

Em todas as épocas Satanás perseguiu o povo de Deus. Torturou os Seus filhos e os entregou à morte, mas em sua morte chegaram a ser vencedores. Testificaram do poder de Alguém que é mais forte do que Satanás. Homens perversos podem torturar e matar o corpo, mas não podem destruir a vida que está escondida com Cristo em Deus. Podem encerrar a homens e mulheres dentro das paredes de um cárcere, mas não lhes podem amarrar o espírito.

Em meio à prova e à perseguição, a glória - o caráter de Deus - se revela em Seus escolhidos. . . Seguem a Cristo em meio a penosos conflitos; suportam a abnegação e experimentam amargas decepções; mas assim aprendem o que é a culpa e a miséria do pecado, e chegam a contemplá-lo com desprezo. Ao serem participantes dos sofrimentos de Cristo, podem ver a glória mais além das trevas, e dirão: “Porque tenho por certo que o que neste tempo se padece, não pode se comparar com a glória vindoura que em nós há de ser manifestada” (Rom. 8: 18). {Conflito e valor, p. 360}